

# TrekkerCultura

TrekkerCultura® - Boletim Cultural - N. 18

## Frota Estelar Brasil

Boletim publicado em fevereiro de 1999.



As citações literárias em **Jornada nas Estrelas** nem sempre estão no roteiro. Às vezes podem estar no título de um episódio ou filme, e disso há vários exemplos: os títulos dos episódios [All Our Yesterdays \(Todos os Nossos Ontens\)](#), [Dagger of the Mind \(O Punhal Imaginário\)](#) e [The Conscience of the King \(A Consciência do Rei\)](#), da série clássica, por exemplo, foram todos tirados de peças de Shakespeare (veja TrekkerCultura [8](#), [9](#) e [10](#)). Neste boletim vamos falar do episódio [This Side of Paradise \(Este Lado do Paraíso\)](#), aquele em que **Spock**, sob influência dos esporos de uma planta, se apaixona por **Leila Calomi** e faz coisas impensáveis para um vulcano, como brincar dependurado numa árvore. O título desse episódio saiu do poema **Tiare Tahiti (Taiti)**, do poeta inglês **Rupert Brooke** (fotos).



**Rupert Brooke** nasceu em 3 de agosto de 1887. Já na escola, começou a revelar seus talentos como poeta. Depois que se formou na faculdade - a famosa e tradicional King's College, em Cambridge, Inglaterra -, foi convidado a ser um de seus professores. Antes de aceitar o cargo, porém, resolveu fazer uma viagem pelo mundo. Ele estava então com 26 anos, em 1913. Foi a Nova York, Canadá, São Francisco, Nova Zelândia, até que resolveu visitar as ilhas da Polinésia Francesa, no Oceano Pacífico. Na maior dessas ilhas, o Taiti (não confundir com Haiti, na América Central!), conheceu uma bela nativa chamada **Mamua**, filha de um chefe local. Os dois se apaixonaram e Rupert Brooke resolveu ficar morando com ela na ilha. Sua coleção de poemas chamada *The South Seas*

(*Os Mares do Sul*) foi inspirada nos meses em que viveu no Taiti.

Depois de quase um ano, seu dinheiro acabou e, além disso, ele teve uma séria inflamação, sendo obrigado a retornar à Inglaterra. Chegou a seu país em 5 de junho de 1914. Não se sabe se tinha planos de voltar à ilha ou assumir seu cargo na King's College, mas um fato novo veio mudar seus planos: a Primeira Guerra Mundial. "Bem, se o Armagedom está aí, suponho que se deva ir para lá", disse ele a seus amigos. No dia 15 de setembro estava se alistando na Marinha como soldado. Lutou em algumas frentes de batalha e, durante a guerra, escreveu seus poemas mais famosos.



Infelizmente, sua carreira - tanto como soldado como poeta - foi muito curta. Em 23 de abril de 1915, somente sete meses depois de ter se tornado soldado, morreu em decorrência de uma infecção, a bordo de um navio-hospital francês, que estava na Grécia. Ele tinha apenas 28 anos. Seu corpo foi enterrado lá mesmo, em Skiros, uma das ilhas gregas. Até hoje, quem for lá verá uma cruz de madeira com seu nome, data de nascimento e morte. A Inglaterra toda entristeceu-se com a morte prematura do poeta. Até Winston Churchill escreveu um artigo elogioso ao poeta morto no jornal inglês *The Times*. Rupert tornou-se um mito, um símbolo da juventude e dos talentos perdidos na Primeira Guerra Mundial.



O título do episódio [This Side of Paradise \(Este Lado do Paraíso\)](#) foi retirado do poema **Tiare Tahiti (Taiti)**, escrito pelo poeta em homenagem à ilha do Taiti, no meio do Oceano Pacífico, onde o poeta viveu com a bela nativa **Mamua**. Dizem que eles teriam tido uma filha, morta em 1990. Mamua o apelidou de "**Pupure**", que na língua local significa "de pele e cabelo claros". De fato, além de ter sido um poeta de talento, Rupert



Brooke chamava a atenção de todos - homens e mulheres - por sua extrema beleza física: era loiro, alto, de olhos azuis, atlético (confira nas fotos ao lado). Adorava esportes: jogava futebol, tênis e nadava muito bem.

No poema **Tiare Tahiti (Taiti)**, o poeta fala a **Mamua** sobre o Paraíso que - segundo os sábios - os espera após a morte. É um Paraíso onde não existem coisas físicas, apenas espirituais. Ele vai descrevendo esse Paraíso Celestial mas, no fim, chega à conclusão de que vale mais a pena usufruir "este lado do paraíso", ou seja, a vida e os prazeres terrenos. E "este lado do paraíso" para Rupert Brooke, naquele momento, era aquela exótica ilha, ensolarada, perdida no meio do oceano; e aquela bela nativa, de pele morena, que dançava sensualmente sob as árvores, e com quem nadava à noite na praia.

E o que se transformou num "paraíso" para Spock, no episódio [Este Lado do Paraíso?](#) O paraíso era o planeta Omicron Ceti III, onde todos viviam em harmonia, com paz e amor; o paraíso era poder amar a bela Leila. Lembram-se do que ele diz no finalzinho do episódio? "Pela primeira vez, eu fui feliz". Infelizmente, era uma felicidade falsa, criada artificialmente pelos esporos parasitas (que teriam o mesmo efeito de uma droga).



Com certeza, o roteirista do episódio conhecia a vida e obra de Rupert Brooke, e traçou um paralelo entre a experiência do poeta no Taiti e a de Spock, no planeta Omicron Ceti III. Leia a seguir a íntegra do poema. Eu mesma "cometi" uma tradução (traduzir poesia é fogo!), por não ter encontrado nenhuma feita por alguém mais abalizado...

### Tiare Tahiti

Mamua, when our laughter ends,  
And hearts and bodies, brown as white,  
Are dust about the doors of friends,  
Or scent ablowing down the night,  
Then, oh! then, the wise agree,  
Comes our immortality.  
Mamua, there waits a land  
Hard for us to understand.

### Taiti

Mamua, quando nosso riso cessar,  
E nossos corações e corpos, marrom e branco,  
Virarem pó na porta de nossos amigos,  
Ou fragrância soprando pela noite,  
Então, oh! então, os sábios concordam,  
Vem a imortalidade.  
Mamua, lá uma terra nos espera  
Difícil de entender.

Out of time, beyond the sun,  
 All are one in Paradise,  
 You and Pupure are one,  
 And Tau, and the ungainly wise.  
 There the Eternals are, and there  
 The Good, the Lovely, and the True,  
 And Types, whose earthly copies were  
 The foolish broken things we knew;  
 There is the Face, whose ghosts we are;  
 The real, the never-setting Star;  
 And the Flower, of which we love  
 Faint and fading shadows here;  
 Never a tear, but only Grief;  
 Dance, but not the limbs that move;  
 Songs in Song shall disappear;  
 Instead of lovers, Love shall be;  
 For hearts, Immutability;  
 And there, on the Ideal Reef,  
 Thunders the Everlasting Sea!  
 And my laughter, and my pain,  
 Shall home to the Eternal Brain.  
 And all lovely things, they say,  
 Meet in Loveliness again;  
 Miri's laugh, Teipo's feet,  
 And the hands of Matua,  
 Stars and sunlight there shall meet,  
 Coral's hues and rainbows there,  
 And Teura's braided hair;  
 And with the starred `tiare's' white,  
 And white birds in the dark ravine,  
 And `flamboyants' ablaze at night,  
 And jewels, and evening's after-green,  
  
 And dawns of pearl and gold and red,  
  
 Mamua, your lovelier head!  
 And there'll no more be one who dreams  
 Under the ferns, of crumbling stuff,  
 Eyes of illusion, mouth that seems,  
 All time-entangled human love.  
 And you'll no longer swing and sway  
 Divinely down the scented shade,  
 Where feet to Ambulation fade,  
 And moons are lost in endless Day.  
 How shall we wind these wreaths of ours,  
 Where there are neither heads nor flowers?  
 Oh, Heaven's Heaven! -- but we'll be missing  
 The palms, and sunlight, and the south;  
 And there's an end, I think, of kissing,  
 When our mouths are one with Mouth. . . .  
*Tau here'*, Mamua,  
 Crown the hair, and come away!

Além do tempo, além do sol,  
 Tudo é uma coisa só no Paraíso,  
 Você e Pupure são um,  
 E Tau, e os canhestros sábios...  
 Lá estão os Eternos, e os  
 Bons, os Encantadores e os Verdadeiros,  
 E Modelos, cujas cópias terrenas eram  
 As coisas incompletas que conhecíamos;  
 Lá está a Face, cujos fantasmas somos nós;  
 O real, a Estrela que nunca se põe;  
 E a Flor, das quais adoramos as sombras  
 Débeis e desvanecidas aqui;  
 Nunca uma lágrima, apenas Tristeza;  
 Dança, mas não membros que se movem;  
 Músicas na Música desaparecerão;  
 Ao invés de amantes, haverá Amor;  
 Para os corações, Imutabilidade;  
 E lá, no Recife ideal,  
 Troveja o Mar Eterno!  
 E meu riso, e minha dor,  
 Irão morar no Cérebro Eterno.  
 E todas as coisas encantadoras, dizem,  
 Encontram-se no Encanto de novo;  
 O riso de Miri, os pés de Teipo,  
 E as mãos de Matua,  
 Estrelas e a luz do sol lá se encontrarão,  
 As cores dos Corais e do arco-íris,  
 E as tranças de Teura;  
 E o branco estrelado de Tiare,  
 E os pássaros brancos no escuro desfiladeiro,  
 E as brilhantes chamas à noite,  
 E jóias, e o verde-escuro da noite,  
 E alvoradas de pérola, ouro e vermelho  
 encontrarão,  
 Mamua, sua cabeça muito mais encantadora!  
 E não haverá mais quem sonhe  
 Debaixo das samambaias, de frágil matéria  
 Olhos de ilusão, boca que parece  
 Sempre entrelaçada no amor humano.  
 E você não vai mais dançar e balançar,  
 Divinamente, à sombra cheirosa,  
 Onde os pés no Movimento desaparecem,  
 E luas se perdem no Dia interminável.  
 Como vamos fazer estas nossas guirlandas  
 Onde não há cabeças nem flores?  
 Oh, o Céu é o Céu! - mas vamos sentir falta  
 Das palmeiras, da luz do sol e do sul;  
 E acabam, creio, os beijos,  
 Quando nossas bocas forem uma Boca . . .  
*'Tau here'*, Mamua,  
 Coroe seu cabelo, e venha!

Hear the calling of the moon,  
And the whispering scents that stray  
About the idle warm lagoon.  
Hasten, hand in human hand,  
Down the dark, the flowered way,  
Along the whiteness of the sand,  
And in the water's soft caress,  
Wash the mind of foolishness,  
Mamua, until the day.  
Spend the glittering moonlight there  
Pursuing down the soundless deep  
Limbs that gleam and shadowy hair,  
Or floating lazy, half-asleep.  
Dive and double and follow after,  
Snare in flowers, and kiss, and call,  
With lips that fade, and human laughter  
And faces individual,  
**Well this side of Paradise! . . .**  
There's little comfort in the wise.

Papeete, February 1914

Ouçã o chamado da lua,  
E as fragrâncias sussurrantes que vagam  
perdidas,  
Pela quente, preguiçosa lagoa.  
Vamos rápido, de mãos dadas, mãos humanas  
Pelo caminho escuro e florido,  
Pela brancura da areia,  
E no carinho suave da água,  
Banhar a mente de bobagens,  
Mamua, até amanhecer.  
Passar o luar cintilante lá,  
Procurando no fundo silencioso  
Braços e pernas brilhantes e cabelos escuros,  
Ou flutuando preguiçosamente, quase  
dormindo.  
Mergulhar e brincar na água,  
Emaranhar-nos em flores, e beijar e invocar,  
Com lábios que perdem a cor, riso humano  
E rostos individuais,  
Bem, **este lado do Paraíso ! . . .**  
Não há muito consolo nos sábios.

Papeete, fevereiro de 1914

---

Agradecimentos: Marcos Kleine, Daniel Muntaner e Edson Santos



[Ouça o poema no original](#) recitado pelo ator inglês **Douglas Hodge**.

[Anterior](#) | [Próximo](#)

[Página Inicial](#)